

Mobilidades literárias: migração e trabalho

Maria Zilda Ferreira Cury*

RESUMO:

O ensaio abordará as relações entre o imaginário contemporâneo da mobilidade e as relações que tal imaginário estabelece com as migrações e com o mundo do trabalho, exemplificadas com o texto *Passaporte* (2001), do escritor brasileiro Fernando Bonassi.

Palavras-chave: Migrações. Trabalho. Mobilidade. Literatura brasileira contemporânea. *Passaporte*. Fernando Bonassi.

Sou alguém que se desloca para me manter fixo?
(João Gilberto Noll, *Berkeley e Bellagio*)

[...] claro, eu ia superar mais aquela provação,
mas um cansaço me abatia,
valia a pena insistir?
desempregado, sem documento
(Luiz Ruffato, *Estive em Lisboa e lembrei de você*)

As duas epígrafes que escolhi para iniciar este ensaio, tiradas de textos da literatura brasileira contemporânea, servirão como indicadores para as reflexões que pretendo aqui propor: a mobilidade como marca do sujeito contemporâneo e a provisoriade que atinge o mundo do trabalho, ambos com ressonância no mundo da cultura, exemplificados rapidamente com um livro da literatura brasileira contemporânea, *Passaporte*, de Fernando Bonassi.

Os processos cada vez mais intensos da mundialização, em decorrência da extrema mobilidade de suas dinâmicas, multiplicam os deslocamentos de populações, a circulação de produtos e imagens, atingindo com a força de sua instabilidade a produção cultural contemporânea, modificando as condições de divisão do trabalho, dando novas formas a nossos espaços urbanos.

Falando sobre as movimentações de pessoas que presenciamos diariamente no mundo, Doug Saunders registra que assistimos a migrações de grandeza jamais vistas, migrações que “reformatam” o nosso mundo e que nos causam perplexidade como fenômeno ainda não completamente compreensível: “*We do not understand this migration because we do not know how to look at it. We do not know where to look. We have no place, no name, for the focus of our new world*” (SAUNDERS, 2010, p. 2).

O antropólogo Marc Augé, por sua vez, diferencia a mobilidade atual, a que chama “surmoderne”, do nomadismo tradicional estudado na bibliografia clássica dos etnólogos. Caracteriza-a, assim, pela superabundância, pela proliferação rizomática de causas e efeitos, correspondendo o superlativo ao paradoxo de um mundo em que, teoricamente, pode-se tudo fazer sem se mover e onde, no entanto, nos movemos constantemente (AUGÉ, 2009, p. 8).

No espaço contemporâneo, nossas referências, as fronteiras e territórios, perdem ancoragens seguras para dar lugar aos trânsitos e deslocamentos que conformam novos espaços. Nosso imaginário da virtualidade é povoado por uma sensação de que estaríamos totalmente libertos das limitações físicas da territorialidade.

Do telefone por satélite ao Palm Pilot, nosso imaginário da virtualidade nos propõe, de maneira eufórica, a ideia de que nos podemos comunicar à distância, de que não somos travados pelas limitações físicas da territorialidade. Em outros termos, seguindo a lógica deleuziana do rizoma, não conheceríamos mais a verticalidade das relações de força territoriais, menos ainda a contiguidade da soleira e da fronteira, mas sim a proliferação de espaços móveis. Esta horizontalidade das formas de DEAMBULAÇÃO e de peregrinação caracterizaria nosso mundo contemporâneo (HAREL, 2007, p. 44).

Sempre tendo como horizonte as consequências humanas da mundialização, Zygmunt Bauman (2001), por seu turno, utiliza para a contemporaneidade a expressão “modernidade líquida”, denominação que qualifica a fluidez de nossas sociedades, metaforizando com a força insidiosa (e incontornável) do líquido, as crescentes locomoções internas, os intensos deslocamentos de imigrantes e estrangeiros, os “fluxos e fixos” das identidades nacionais e das fronteiras, a mobilidade vertiginosa das redes de computadores, toda esta realidade movente própria ao nosso mundo. A mobilidade, pois, com seu corolário de questões sobre os processos identitários, sobre as práticas espaciais, ocupa lugar de destaque no imaginário cultural contemporâneo, a despeito de um imaginário da movência e do nomadismo sempre ter marcado a condição humana (MAFFESOLI, 2001).

Testemunhamos, no nosso mundo, a circulação de multidões de turistas, de refugiados de guerras étnicas, religiosas ou ideológicas, de pessoas fugindo da fome ou gente em busca de oportunidades ligadas à internacionalização do capital. Nesse grande contingente de migrantes, podem ser incluídos os novos nômades urbanos que erram nas metrópoles do planeta e aqueles que deixam seus lugares de origem em busca de trabalho em outras regiões de seus próprios países ou em países diferentes. Estas grandes migrações são responsáveis por uma reconfiguração dos espaços urbanos, criando “espaços transicionais”, o que Doug Saunders (2010) denomina “arrival cities”, que determinarão a configuração futura do planeta. “Arrival cities”: cidades que atraem enormes contingentes de pessoas vindas do campo e de outros países, com escassas condições de empregabilidade. Atreladas à internacionalização da economia, constituem o que Milton Santos chama de “cidades mundiais”:

[...] verdadeiros nós na cadeia de relações múltiplas que dão um arcabouço à vida social do planeta. Na verdade, porém, é o espaço inteiro que se mundializou, e já não existe um único ponto do globo que se possa considerar como isolado (SANTOS, 2008, p. 31).

Estes parâmetros se encadeiam às novas concepções de espaço que atingem, com força desconstrutora, o domínio das Ciências Humanas. Nesse sentido é interessante marcar que o imaginário da mobilidade suscita novas percepções espaciais, também ele, espaço, conceito que se quer apreender não como categoria imóvel ou passiva, mas na sua dinâmica migrante. O antropólogo Marc Augé, por exemplo, fala em “não-lugares” (AUGÉ, 1994), renovações espaciais decorrentes do “encolhimento do mundo”. A geógrafa inglesa Doreen Massey (2009), por sua vez, concebe o espaço como uma realidade em trânsito, uma variedade heterogênea de práticas, um processo sempre inacabado de interconexões. Segundo ela, o espaço é constituído por uma multiplicidade de trajetórias, de ligações contraditórias e inesperadas entre narrativas. Chegar a um novo lugar significa tornar-se associado às histórias de que este lugar é feito (MASSEY, 2009, p. 176). Acentua, no entanto que a mundialização se apresenta como inseparável de profundas contradições, uma vez que as conexões referidas são antes “fricções”, frequentemente inesperadas, e os cruzamentos de narrativas que formam o espaço se encontram em permanente conflito, lutando por hegemonia. Desnecessário dizer, então,

que as mobilidades cada vez mais intensas de nossos dias trazem a marca de fronteiras, de limitações e da manutenção de muitos centros e margens.

Já no seu livro *Modernity at large*, de 1996, Arjun Appadurai colocava os meios de comunicação de massa e as intensas migrações como as forças gêmeas da globalização que criariam condições para o trabalho da imaginação¹. Dez anos depois, num livro significativamente denominado *Fear of small numbers* (2006), o teórico indiano acentua sobretudo o que chama de “the darker sides of globalization”, realidades sobrevindas do aprofundamento da violência e da exclusão social, com o crescimento da desigualdade num mundo onde pretensamente romperam-se as fronteiras nacionais. Neste livro de 2006, diz que, para os países mais ricos, globalização é um slogan positivo, principalmente para as elites. Mas para os migrantes, os negros e outros marginalizados (estes a que chama de “the South into the North”) ela significa uma angústia com as dificuldades de inclusão, com as barreiras impostas ao emprego e com o aprofundamento da marginalização. Para as elites, a globalização traz o medo dos marginalizados; para os subdesenvolvidos e para os verdadeiramente despossuídos um duplo temor: o de uma inclusão draconiana no mundo globalizado e o da exclusão deste mesmo mundo, uma vez que esta última pode significar a exclusão da História.

Em outras palavras, se o capital circula, hoje, livremente, em todos os países, o mesmo não ocorre com o trabalho, cujos entraves de circulação são por demais evidentes, continuando nosso mundo a ser marcado por uma globalização desigual e assimétrica. Assiste-se, simultaneamente à desproletarização do trabalho industrial fabril, principalmente nos países de capitalismo avançado, a uma “crescente internacionalização com uma total interdependência das diferentes economias nacionais e uma nova divisão internacional do trabalho” (CASTELLS, 1986, p. 7). As consequências perversas nesses países se fazem presentes, mas, claro, agudizam-se em diferentes níveis nos países do Terceiro Mundo e nas periferias do Primeiro Mundo. Como nos mostra Ricardo Antunes (1995), tal quadro intensifica a subproletarização, causa a expansão do trabalho parcial e temporário, precário, o mais das vezes sem contrato, fazendo regredir os direitos sociais.

[...] enquanto vários países de capitalismo avançado viram decrescer os empregos em tempo completo, paralelamente assistiram a um aumento das formas de subproletarização, através da expansão dos trabalhadores parciais, precários, temporários, subcontratados etc (ANTUNES, 1995, p. 45).

A migração de trabalhadores do Terceiro Mundo e da periferia da Europa para países como Alemanha, Itália, Estados Unidos, Portugal e outros, formando uma espessa camada de informalidade, significando também mais fermento para o crescimento, sem precedentes na era moderna, do desemprego estrutural, que termina por atingir o mundo todo: países ricos e pobres, e os “em desenvolvimento”.

A migração, em última instância, é, sem paradoxo, consequência também da imobilidade. Quem pode, como já mencionamos, vai consumir e volta ao lugar de origem. Quem não pode locomover-se periodicamente, vai e fica. A migração que também se dava em cascata, seguindo os degraus da mencionada hierarquia urbana, dá-se cada vez mais diretamente para os grandes centros (SANTOS, 2008, p. 63).

Tais condições, como as descritas acima, dão instabilidade às dinâmicas culturais que também se deixam atravessar por estes processos. Pascal Gin divisa na mobilidade cultural uma ambivalência constitutiva explicada em função de suas diversas genealogias e reconhece a instabilidade do sintagma

mobilidade/cultura, que exhibe uma assimetria entre o imaginário cultural e a mobilidade sistêmica das redes econômicas:

Effectivement, la mobilité humaine des flux migratoires et des imaginaires diasporiques ne recoupe pas nécessairement la mobilité systémique des réseaux économiques. Pareillement, la mobilité technologico-médiatique de la macrosphère de l'information et du transfert de données ne témoigne aucunement de la complexité des mobilités propres aux pratiques culturelles, avec tout ce que celles-ci comportent d'adaptation, de localisation, d'emprunt et de transformation (GIN, 2009, p. 250).

A ambivalência pode ser sentida, igualmente, quando se pensa na convivência contraditória, muitas vezes no interior mesmo das manifestações literárias e culturais em geral, de movimentos de desterritorialização/territorialização, de embates entre o global/nacional/regional, de afirmação de uma identidade mundializada e de simultânea busca de resignificação do nacional, mesmo no interior de uma escritura migrante. Também sobre tal ambivalência que atinge a produção literária contemporânea nos fala Gin registrando:

[...] une déterritorialisation prononcée de l'écriture migrante dont l'émergence concerne simultanément diverses aires géoculturelles, les rapports étroits qu'elle entretient avec les transversalités nationales des pratiques diasporiques, sa localisation marquée, diégétiquement parlant, non pas dans le symbolisme du territoire national, mais dans l'interconnectivité mondialisée des grandes centres urbains et les fonctions d'échangeurs culturels qu'ils assument (GIN, 2009, p. 251).

Assim, conclui ainda Gin, verifica-se, muitas vezes, uma tendência da escritura “migrante” contemporânea a se reinscrever num projeto literário nacional, ainda que o espaço urbano das metrópoles contemporâneas seja representado nestas escritas migrantes partilhando muitos pontos em comum.

Espaço da movência, da ficcionalização identitária e das mobilidades de sentidos, a literatura, privilegiadamente, apresenta-se como expressão do imaginário cultural da contemporaneidade.

Migrações e deslocamentos marcam linhas de força da ficção brasileira contemporânea em romances e livros de contos². Como outras manifestações artísticas, também a literatura deixa-se atravessar pela intensificação dos atuais processos de globalização, tematizando os deslocamentos, o mundo do trabalho, a mudança de feição de nossos espaços urbanos e tantas outras realidades, assumidas em dicções e processos enunciativos também eles em trânsito, elegendo a mobilidade e a pluralidade vertiginosa de vozes como marcas textuais.

Passaporte, de Fernando Bonassi, como muitos outros livros da atual literatura brasileira, emblematicamente, ficcionaliza muitos dos processos acima descritos.

O livro foi fruto de um projeto subsidiado por uma bolsa do Kunstlerprogramm do DAAD. Como escritor convidado, Bonassi viajou para a Alemanha, onde permaneceu um período para a escrita do livro. Veja-se que, estes dados, não inteiramente, a rigor, extratextuais, já corroboram a inserção das narrativas que compõem o livro de Bonassi nesse espaço de migrância que venho caracterizando e, ao mesmo tempo, evidenciam um novo modo de inserção do escritor, sua nova função de agente cultural, função que lhe é cobrada no espaço público atual, modificado por novas dinâmicas sociais³.

Passaporte exhibe projeto gráfico bastante original. O livro, composto por 137 mininarrativas, tem o formato e a cor exatos de um passaporte brasileiro, mimetizado igualmente na textura da capa e das partes internas do livro. Uma lâmina de barbear, em dourado, estampada na capa, ironicamente

e por contradição, compõe com as narrativas um todo estranho e dissonante, que aproxima vozes dos espaços periféricos, nacionais e do mundo, restos de linguagens recicladas, criando um *locus* enunciativo em que a violência e os nômades urbanos dos espaços brasileiros e europeus se aproximam, como personagens das margens, unidos pelo sofrimento anônimo.

[...] parece-me que é aqui – no ocaso do antigo sujeito psíquico, no retorno à tradição da narrativa oral e a uma literatura de anseios e vida diária e na experimentação da história ‘anonimamente’, antes que sob a égide de grandes homens, grandes nomes, ‘heróis’ históricos mundiais – é aqui onde as interseções, bem como as diferenças mais radicais entre culturas pós-modernas do Primeiro Mundo e as culturas dos inúmeros Terceiros Mundos podem ser exploradas de maneira mais frutífera (JAMESON, 1994, p. 112).

“Instantâneos sórdidos da pós-modernidade, cartões-postais da desilusão. Neste seu Passaporte, com uma escrita dura e um olhar devastador, Fernando Bonassi viaja pelo mundo – de Jardinópolis à Europa Oriental -, provocando uma revolução na chamada literatura de viagem”, é o que aparece, sem registro de autoria, na contracapa. Narrativas rápidas, encenando sobretudo espaços urbanos, revelam tendência que se pode recortar na série literária brasileira da contemporaneidade.

O espaço da cidade assume feição performática, exibido em cenas rápidas, *sketches* que rompem com formas enunciativas consagradas, deslocando técnicas e gêneros narrativos, sob o olhar de narradores também eles condenados ao seu movimento vertiginoso (CURY, 2007, p. 9).

A sensação de trânsito, construída desde o título e logo na página de rosto onde aparecem os dizeres “relatos de viagens”, contamina a atividade de leitura que percorre narrativas de meia página, talvez nem isso, “metáfora da velocidade com que circulam os seres, as mensagens, os objetos, os textos nas sociedades contemporâneas” (CURY et al., 2001, p. 138).

malas

Malas arrumadas, malas velhas, malas-sem-alça, malas anatômicas, malas diplomáticas, malas cheias de tesão. Malas de papelão como memórias em exposição. Malas perdidas para sempre. Malas rasgadas, feridas, ulceradas. Malas encardidas como cães sarnentos. Malas moles como molas. Malas chiques são bagagens (ou três jacarés mortos). Malas rápidas são mochilas. Frasqueiras são frescuras de mala. Lancheiras são malas de comer. Malas socadas em portamalas. Malas mudas como mulas. Pilhas de malas são pilhas de almas, são montes de lama (Oswiecim – Polônia – 1998) (BONASSI, 2001, p. 35).

O direito de ir e vir e a ideia de ausência de fronteiras propostos àquele que porta um passaporte, ironicamente, vão sendo desconstruídos no texto, como já o foram pelas lâminas de barbear expostas na capa e na última página do livro, exibidas na sua violência de corte e exclusão. Qualquer ideia de deslocamento por razões exclusivamente ligadas ao turismo, sugerida, de certa forma, no título do livro e seu formato, é rapidamente descartada. Até uma visita a museu, presente em todos os guias turísticos europeus, configura-se como crítica a um mundo repleto de barreiras e impedimentos.

munch, vândalos & malucos

O sistema de segurança do Palais de Tóquio, em Paris, foi posto em alerta outra vez. Terceira só hoje. Oito guardas armados e autorizados a usar de força rumam

pra galeria que expõe arte nórdica. Mais um indivíduo está parado diante de ‘O grito’ há mais de 15 minutos. Existem duas razões pra que uma pessoa fique tanto tempo diante dessa obra de Edvard Munch: ou está pensando em um jeito de destruí-la pra sempre, de forma que aquela cara vazia, porém cheia de horror, chamando por alguém que parece, nunca virá, deixe de incomodá-lo...ou é maluco mesmo (Paris – França – 1998) (BONASSI, 2001, p. 53).

As pretensamente desfeitas fronteiras do mundo globalizado têm desveladas suas perversas feições de corte e impedimento.

fronteiras

Cercas reforçadas & enterradas com alicerces de concreto para baixo & além de túneis possíveis, dividindo um deserto em dois desertos. Os Estados Nacionais palpáveis como cacos de vidro. Guardas sérios, quase soldados, mais que autorizados, prestes a... Um movimento em falso e... Muita tensão. Mochilas, poder de fogo, remela & mau-hálito. Passaportes esquecidos, passaportes aquecidos, suados, naftalínicos – passados de mão em mão como coisas bentas ou boas biscoitas. Animais humanos de olhos arregalados, preparando botes, encoxando guichês. (Dresden/Tepliče – Alemanha/República Checa – 1998) (BONASSI, 2001, p. 54).

Várias narrativas de *Passaporte* encenam situações-limite de desemprego, de subemprego, mostrando todo um contingente de pessoas submetidas às maiores degradações para se manterem vivas.

quase comercial da benetton

No portão de Brandemburgo, um russo quer me vender uma jaqueta estropiada por 150 marcos. No primeiro momento diz que foi de um garoto sérvio morto em combate, mas com a evolução da conversa, o dono passa a croata e albanês. Noto claramente que as ‘manchas de sangue’ não passam de guache ralo e que os ‘buracos de bala’ foram feitos com cigarro aceso. Insisto em pechinchar e ele acaba admitindo que o de rede por sangue não é verdadeiro. Quer dizer: não é do tal garoto. Então me mostra uma cicatriz na palma da mão, dizendo que está precisando muito de dinheiro extra. (Berlim Oriental – Alemanha – 1996) (BONASSI, 2001, p. 40).

Prostitutas, intermediários do transporte de drogas, donos de pequenos negócios escusos, migrantes, subempregados.

os cobradores

Estamos diante de uma dupla perfeita. Cyrila é quase feio e de fala macia. Václava é quase lindo, com manga cortada no ombro, encarregado da porrada. Ainda nem têm a veleidade de não machucar. Jeans, camisetas do Che e botas mexicanas fazem o uniforme dos “Cowboys de Radosoviká”. Até hoje nunca aconteceu de não receberem cada pedrinha de haxixe vendida na periferia de Praga. Estão subindo rápido: Cyruka já tem um Golf 93, Václava é mais enrolado com dinheiro...mas eles chegam lá. A turma do Casaquistão está dando a maior força (Praga – República Checa – 1998) (BONASSI, 2001, p. 42).

Silviano Santiago registra duas tendências que traduzem os anseios de grupos marginalizados no Brasil: uma primeira, cidadina e cosmopolita, mas que, muitas vezes esquece o Brasil das pequenas

idades. A segunda reclama uma atenção para as regiões esquecidas, reinvestindo de valor um projeto nacional que faça um contraponto à globalização.

Neste momento em que a guerra fria chega ao final e em que os movimentos migratórios de trabalhadores despertam o ódio racial nos países desenvolvidos e em que as nações periféricas dão como prioridade absoluta a privatização das instituições nacionais (conhecidas entre nós como *estatais*) pela abertura ao capital estrangeiro predatório, as duas tendências reativas chegam a partilhar caminho comum, visto que ambas, pela fragmentação radical do poder do Estado brasileiro, tanto rejeitam como mistificadoras as teorias tradicionais da identidade nacional quanto rechaçam como alienantes as teorias da globalização dominantes no momento (SANTIAGO, 2004, p. 42).

É neste sentido que, em muitas narrativas de *Passaporte*, o espaço rural é um “ponto de fuga” para as zonas urbanas, tendo em vista as atrações, ilusórias ou não, que elas exercem sobre os habitantes das pequenas cidades.

êxodo rural

É uma cidadezinha. O comércio funciona na casa das pessoas. Por que abrir loja? Se troca arroz por porco-do-mato, macaco por camisa, uma família de rede por uma canoa de casca... O médico que não entender um pouco dessas ervas que crescem por aí nem precisa parar. Defender criança de enxame de marimbondo é o máximo de ação que os PMs podem encontrar. A gente tem dois. Em turnos de 12 horas. Sábado e domingo também. Eles não se importam. Moram na rua de trás. É uma cidadezinha. ‘Zinha’ mesmo... tanto que na primeira chance, por pior que seja, a turma se manda (Sumidouro – Brasil -1987) (BONASSI, 2001, p. 76).

No mundo globalizado, em função da falta de oportunidades de trabalho, os chamados grotões tendem a desaparecer ou estagnar-se de vez. É ainda Silviano Santiago que conclui, comentando filme de Manoel de Oliveira:

Não se pode pedir aos Manoéis pobres e cosmopolitas que abdicuem de suas conquistas na aldeia global, longe da aldeia pátria, mas cada estado nacional do Primeiro Mundo pode, isto sim, proporcionar-lhes, a despeito da falta de responsabilidade no plano social e econômico, a possibilidade de não perderem a comunicação com os valores sociais que os sustentam no isolamento cultural em que sobrevivem nas metrópoles pós-modernas (SANTIAGO, 2004, p. 54).

O texto de Bonassi é rico em exemplos destas situações, em que o subemprego e o emprego submisso a condições precárias terminam por ser a única saída, fazendo justamente a crítica ao isolamento social de que fala Santiago.

non-stop

Ninguém mais dorme em Miedzyrzecz. No começo porque os empregos foram acabando, agora porque só quem fica acordado vai conseguir vender alguma coisa aos motoristas que vêm de Berlim e seguem até Poznan’. Sabendo disso, Jerzy simplesmente está morando na sua barraquinha à beira da estrada. Aprendeu a cochilar entre os clientes, fazendo de travesseiro os pacotes de Marlboro de forma que não amasse os cigarros. Quanto aos olhos injetados e a barba sempre por fazer, Jerzy tem tido muitas provas de que isso até atrai algumas pessoas (Miedzyrzecz – Polónia – 1998) (BONASSI, 2004, p.112).

O capital transnacional impõe o seu ritmo para as migrações vindas das periferias do mundo globalizado, movimentando os setores de prestação de serviços, o mais das vezes na informalidade.

[...] a razão econômica que convoca os novos pobres para a metrópole pós-moderna é transnacional e, na maioria dos casos, também é clandestina. O fluxo dos seus novos habitantes é determinado em grande parte pela necessidade de recrutar os desprivilegiados do mundo que estejam dispostos a fazer os chamados serviços do lar e de limpeza e aceitem transgredir as leis nacionais estabelecidas pelos serviços de migração (SANTIAGO, 2004, p. 51).

Como nos mostra o filme *Babel*, também ele colocando em cena personagens migrantes de variadas nacionalidades e extração social, é a babá mexicana que se ocupa, desde o nascimento, das crianças de uma família nos Estados Unidos. Ao “fugir do padrão esperado”, fica à mercê das autoridades estadunidenses que a prendem e deportam, sem que possa explicar-se ou alegar direitos. Avtar Brah (1996), estudando as inúmeras diásporas formadas pelas mobilidades contemporâneas, dá como um dos exemplos justamente os trabalhadores informais que migram do México para os Estados Unidos. Salienta que o mercado de trabalho estadunidense inchou-se com a crescente demanda por trabalhadores mexicanos para preencher as ocupações mais inferiores na estrutura de empregos. Mas, com o desemprego estrutural como uma das consequências perversas da globalização, tais trabalhadores são acusados agora de “roubar o emprego dos nativos”, sendo mais ainda vitimizados pelo racismo e políticas de deportação sumária. Tal situação também se faz sentir na Europa em crise.

Também no texto de Bonassi o trabalho temporário é mostrado na sua face mais perversa, em espaços onde o global, o nacional e o regional encontram-se, para o bem e para o mal, interligados e interdependentes.

pró-álcool
(Pra Luah)

Jardinópolis não tinha asfalto. Nem zona aberta de dia. Os restaurantes serviam prato feito com feijão separado na cumbuca e sorvete vinha com pedaço de fruta. Primeiro derrubaram as árvores que faziam a cortina com Ribeirão Preto e espetaram os tubos das usinas no lugar. Depois chegaram as moscas verdes. Desse tamanho, sujando os pudins. E sete igrejas numa praça. Então os caminhões, largando um rastro de cana morta pela rodovia. É ali que agora as meninas deram pra cuspir filhos de três meses, enquanto as marmitas esperam no acostamento (Jardinópolis – Brasil - 1997) (BONASSI, 2001, p. 5).

Narrativas rápidas, cortantes como a lâmina exibida na capa do livro, testemunhas de uma poética migrante e que fala de realidades de violência e exclusão.

No interior da produção artística brasileira, muitos criadores contemporâneos estabelecem diálogo com a forte linha realista que tem marcado a nossa produção cultural. Representações da pobreza e da marginalidade, do mundo das drogas e da prostituição, personagens migrantes, o universo dos marginais e dos excluídos do sistema e do mundo do trabalho formal dão a tônica a tais produções. Textos que trazem à frente da cena todo um universo dos “*small numbers*”, de que fala Appadurai (2006): migrantes, desempregados ou subempregados, nômades urbanos, anônimos das grandes cidades e contingentes variados de excluídos.

Mas o que justifica ver realismo na nova geração de escritores? É claro que ninguém está comparando-os estilisticamente aos realistas do passado, pois não

há nenhuma volta às técnicas da verossimilhança descritiva e da objetividade narrativa. O que encontramos, sim, nesses novos autores, é a vontade ou o projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira, frequentemente pelos pontos de vista marginais ou periféricos. (...) o novo realismo se expressa pela vontade de relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 53-54).

Na série literária, muitos escritores contemporâneos estabelecem, pois, diálogo com a forte linha realista que tem marcado a nossa produção literária, mas com as distinções que conformam o espaço de disputa simbólica da contemporaneidade.

Tornar audíveis as vozes que vêm das periferias da globalização, aproximando nômades urbanos, desterritorializados e despossuídos de variados lugares do mundo é o que confere um sentido profundamente ético às narrativas migrantes deste *Passaporte*, de Fernando Bonassi.

Literary Mobilities: migration and work

ABSTRACT:

This article will focus on the relationship between the contemporary imaginary of mobility and its connections with migrations, and the world of work using as examples the text *Passaporte* (2001), by the Brazilian writer Fernando Bonassi.

Keywords: Migrations. Work. Mobility. Contemporary Brazilian literature. *Passaporte*. Fernando Bonassi.

Notas explicativas

* Professora Titular de Teoria da Literatura e Professora Adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Pesquisadora do CNPq.

¹ “[...] *electronic mediation and mass migration mark the world of the present not as technically new forces but as ones that seem to impel (and sometimes compel) the work of imagination*” (APPADURAI, 1996, p. 4).

² A literatura contemporânea mundial, diga-se de passagem, também se ocupa desses “não-cidadãos”, guindados a protagonistas de narrativas que não mais dão lugar a grandes heróis, mas aos seres à margem do Estado de bem-estar social dos países desenvolvidos.

³ “[...] a literatura e outras formas de arte buscam ocupar espaços outros como as ruas, as estações de metrô, o interior dos ônibus, aeroportos, seja na exibição propriamente dita, seja na retomada metafórica no interior da escrita em livros, nas telas expostas em museus, nos filmes dentro ou fora dos festivais” (WALTY & CURY, 2009, p. 231).

Referências

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?*: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1995. 155 p.

APPADURAI, Arjun. *Fear of small numbers: an essay on the geography of anger*. Durham/London: Duke University Press, 2006. 154 p.

- APPADURAI, Arjun.. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. 229 p.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. 6. ed. Campinas: Papirus, 1994. 111 p.
- _____. *Pour une anthropologie de la mobilité*. Paris: Manuels Payot, 2009. 93 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentizien. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 258 p.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. London/New York: Routledge, 1996. 276 p.
- BONASSI, Fernando. *Passaporte*. São Paulo: Cosac&Naify, 2001. 137 p.
- CASTELLS, Manuel. Mudança tecnológica, reestruturação econômica e a nova divisão espacial do trabalho. In: *Espaço e Debates*. n. 6 (17), p. 5-23, 1986.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. In: *Letras de hoje*. Curso de Pós-graduação em Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 42, n. 4, p. 7-17, 2007.
- _____. Walty, Ivete; PAULINO, Graça; FONSECA, Maria Nazareth. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001. 164 p.
- GIN, Pascal. Entre ambivalence et réflexivité: la mobilité culturelle et sa mobilisation littéraire dans l'écriture de la migration. In: WALTY, Ivete Lara Camargos, CURY, Maria Zilda Ferreira e ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Mobilidades culturais: agentes e processos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009, p. 249-264.
- HAREL, Simon. Resistências do lugar e invasão do virtual. As cibernésias de Régine Robin. Trad. Normelia Parise. In: PORTO, Maria Bernadette; FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Figurações da alteridade*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2007, p.43-63.
- JAMESON, Frederic. Sobre a substituição de importações literárias e culturais no Terceiro Mundo: o caso da obra testemunhal. In: *Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios* (Org.) e Trad. Ana Lúcia Almeida Gazolla. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. 234 p.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001. 205 p.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. São Paulo: Bertrand Brasil, 2009. 312 p.
- SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 252 p.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 136 p.
- SAUNDERS, Doug. *Arrival city: how the largest migration in history reshaping our world*. New York: Pantheon, 2010. 356 p.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 174 p.
- WALTY, Ivete Lara Camargos; CURY, Maria Zilda Ferreira. O intelectual e o espaço público. In: *Revista da Anpoll*, Belo Horizonte, n. 26, p. 221-232, jul./dez. 2009.

Recebido em: 31 de outubro de 2011

Aprovado em: 15 de novembro de 2011